

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Thuany Garcia Ferreira

RELIGIÕES NA MESA DE BAR – A MALOCA DOS RATOS FIÉIS

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Dario Paulo Barrera Rivera.

Juiz de Fora
2023

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **Thuany Garcia Ferreira**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772119A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **RELIGIÕES NA MESA DE BAR – A MALOCA DOS RATOS FIÉIS**, desenvolvido durante o período de 28/02/2023 a 07/07/2023 sob a orientação de DARIO PAULO BARRERA RIVERA, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 07 de julho de 2023.

Thuany Garcia Ferreira

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

RELIGIÕES NA MESA DE BAR

A Maloca dos Ratos Fiéis

Thuany Garcia Ferreira¹

RESUMO

Este estudo visa demonstrar como os clientes fiéis de um estabelecimento transformaram a mesa de bar em um território neutro, espaço de lazer e interação social, livre das restrições morais eclesiais, uma vez que pertencem a religiões hegemônicas no Brasil. Além disso, reconhece-se a presença do sincretismo e do hibridismo nesse contexto, onde diversas crenças e práticas se cruzam e enriquecem a experiência dos fiéis na mesa do bar. Essa interação sincretista e híbrida contribui para a formação de identidades culturais complexas e únicas, proporcionando um ambiente diversificado e enriquecedor aos frequentadores de um antigo bar, com 35 anos de história, localizado na cidade de Santos Dumont - MG. E através dessas trocas, que muitas vezes não são percebidas pelos clientes fiéis, por já fazerem parte de suas rotinas, que o estabelecimento, adornado com imagens, patuás, oferendas e santinhos, se torna especial.

Palavras-chave: Jogo de bicho. Religião. Lazer. Sorte. Sincretismo. Hibridismo.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho reflito sobre representações religiosas e utilizarei um bar, típico “*pé de chinelo*”, expressão utilizada para estereotipar bares de aparência simples, da cidade de Santos Dumont – MG². O bar tem tradição de mais de 35 anos na cidade, acumula clientes fiéis e possui um ambiente curioso com um hibridismo enorme de imagens e artigos religiosos, nas ilustrações que seguirão neste trabalho vocês entenderão melhor sobre o que compartilharemos aqui.

O método utilizado foi a observação não participante que contou com a ajuda do “*Dono da Maloca*”, “*ajudante nº1*” e “*ajudante nº2*”, também realizei entrevistas com clientes – total de sete clientes – evangélicos e católicos que rotineiramente jogam e/ou bebem neste ambiente. Utilizei um recorte de renda, pois existem clientes que ganham um salário mínimo e existem clientes que são donos de várias lojas na cidade e em cidades vizinhas e é importante demonstrar que no bar as relações destes clientes se estreitam nas interações de modo que, em outro ambiente, seria muito difícil essa aproximação.

Meu trabalho questiona, após as devidas abordagens, que o diferente só incomoda as instituições em si? Em um ambiente neutro, como um bar, onde a mesa se transforma em um espaço de encontro descontraído e informal para pessoas de diversas crenças, convicções e perspectivas de vida, como as diferenças religiosas são geralmente deixadas de lado, criando uma atmosfera de respeito mútuo e tolerância? Como a fé do outro não costuma ser motivo de incômodo nesse contexto, como isso contribui para a construção de uma comunidade diversa e harmoniosa? Os clientes sentem-se bem, mal ou as imagens, patuás e os santinhos da “*Maloca*” são indiferentes? Qual a visão da “*fezinha*” para os fiéis? O pecado do vício é considerado? Quais suas interpretações do espaço e seus ressignificados? Quais as expressões religiosas utilizadas em meio aos jogos oferecidos no local? Podemos relacionar práticas religiosas com as práticas viciosas destes clientes?

Nesta pesquisa quero mostrar que, para quem da cidade e além das instituições religiosas, existem pessoas que ressignificam a religião, os símbolos religiosos e suas variantes em um ambiente que, ainda hoje, é marginalizado e muitas vezes proibido o acesso a esses fiéis pelas igrejas, e esse ambiente é a mesa de bar. Bom para começar a minha empreitada, que demorou um certo tempo para vir para o papel, parti do que eu vivenciei durante os meus, poucos, 28 anos de idade, a vida de um dono de bar e as histórias de mesa de bar que ele nos contava. O dono de bar é devoto de São Jorge, católico, casado há 35 anos, com 6 filhos, um empreendedor crente, mas não frequentador da igreja.

Os informantes que aparecerão nessa pesquisa, são clientes fiéis deste bar, dita “*maloca dos ratos*”, e dois ajudantes, o ajudante nº 1 e o ajudante nº 2, que contribuíram para que a pesquisa fosse possível. O bar comemora seu 35º aniversário, é localizado no centro da cidade e tem clientes tão antigos quanto a sua data de existência. Os seus codinomes na pesquisa serão cliente fiel 1, cliente fiel 2, cliente fiel 3 e cliente fiel 4. Coletei os dados através de visitas que me proporcionaram observar as relações em torno da mesa de bar e entrevistar

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: 09818876601@estudante.uff.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel.

² Santos Dumont - MG é um município localizado no estado de Minas Gerais, Brasil. É conhecido por ser o berço de Alberto Santos Dumont, um pioneiro da aviação mundial.

os clientes que tinham uma relação temporal maior com o estabelecimento. Não consegui em primeiro momento captar as informações que meus anseios esperavam, pois o ambiente do bar é majoritariamente masculino e seus clientes, desconfiados e acostumados com a rotina, me reconheceram como uma “intrusa”, “filha do dono” ou tiveram olhares desagradáveis demais para descrever.

Durante a pesquisa, enfrentei dificuldades ao tentar organizar as informações relevantes de forma coerente, evitando que os recortes e histórias se transformassem em um amontoado confuso e desconexo. Foi necessário manter o foco da escrita no objetivo do trabalho, evitando o desvio de atenção causado por curiosidades interessantes, mas que não contribuíam diretamente para o tema em questão.

Introduzirei algumas imagens, ao longo da pesquisa, que comprovam que o bar foi escolhido por ser um lugar híbrido e peculiar, uma extensão da cidade que parece conter nos seus poucos metros quadrados todas as instituições de uma sociedade complexa e quem faz os papéis de autoridade das instituições é o próprio “*dono da Maloca*”. Embora o ambiente seja, ainda, machista e não muito agradável às mulheres, o que me encanta, além de como a religião é tratada por lá, são as conexões infinitas de um mundo paralelo ao que seus fiéis clientes e frequentadores vivem aqui fora.

Os clientes fiéis encontram, na mesa de bar, um lugar de prazer, nos jogos proibidos pela instituição religiosa, um lugar de descontração e isento das obrigações morais impostas pelas instituições religiosas hegemônicas do Brasil. Ali encontram a égide fora da vida real da *Cidade* e, dentro deste contexto, manifestam sua fé em momentos diversos para justificar suas apostas, sua sorte ou má sorte, para oferecer um gole ao santo, para aconselhar às práticas supersticiosas para seus colegas e amigos de mesa e para acalantar a si e aos demais que o rodeiam.

Contudo, em qualquer situação é difícil definir o que é religião, em qualquer ambiente ela parece estar presente mesmo que a sua representação seja a mais singela de todas, muitos autores clássicos e consagrados tentaram defini-la, Émile Durkheim, por exemplo, propôs uma abordagem sociológica da religião. Ele definiu a religião como um sistema de crenças e práticas que une os indivíduos em uma comunidade moral, estabelecendo uma distinção entre o sagrado e o profano. Esta definição de religião proposta por Émile Durkheim pode ser encontrada em sua obra clássica “As Formas Elementares da Vida Religiosa” (DURKHEIM, 2000). Freud via a religião como uma forma de controle social e repressão dos desejos individuais, especialmente relacionados à sexualidade. Ele acreditava que a humanidade eventualmente superaria a necessidade da religião à medida que a ciência e a razão se desenvolvessem. Em sua obra “O Futuro de uma Ilusão”, Freud argumentou que a religião surgia como uma forma de lidar com as incertezas e angústias da vida, criando um sentido de segurança e proteção através da figura de um pai protetor divino (FREUD, 2013). Não há definição incorreta, mas há várias afirmativas que servem para costurar a teia grandiosa de significados desse fenômeno.

A minha análise focará em como se desenvolvem e se desdobram essas relações entre evangélicos, católicos e candomblecistas que, no mesmo passo, encontram-se no bar para ter seu momento de lazer e prazer contrapondo dogmas religiosos nos bares da cidade, mais precisamente na maloca dos ratos. Essa diversidade de crenças e práticas religiosas presentes no ambiente do bar enriquece ainda mais as interações e contribui para a formação de um espaço de convivência verdadeiramente plural e enriquecedor.

2 A OBSERVAÇÃO

Estive no bar aos finais de semana, dias em que há mais movimento de pessoas, rodada de jogos e todo o tipo de conversa. Estrategicamente, escolhi sentar à mesa próxima ao sinucão, no final do estabelecimento, de modo a não interferir nas interações que ocorriam entre os clientes antigos, principalmente do público majoritariamente masculino. Sendo uma presença feminina “desconhecida” e com um bloco de rascunho na mesa, junto com uma caneta, despertei uma certa curiosidade entre os presentes.

Realizei entrevistas com pessoas que frequentam o bar há mais tempo e que conheço desde a infância, conheço-as pelos apelidos que escutei a minha vida toda em conversas entre meu avô e meu pai. Infelizmente um dos clientes entrevistados veio a falecer em 2022, dentro do bar, e era um dos clientes mais antigos do bar. Sendo assim, como iniciei este trabalho em 2017 e alguns relatos ultrapassavam 4 anos, tentei realizar a aplicação de um questionário escrito e contei com a ajuda do ajudante nº 1 e nº 2 para aplicar as seguintes perguntas: 1) Há quantos anos você frequenta o bar? 2) Qual a sua religião? 3) Você é supersticioso? 4) Você faz jogos no bar? Se sim, quais? 5) Já ganhou um valor maior do que a rubrica de R\$ 500,00? 6) Você já fez parte de outras religiões ou frequenta mais de uma simultaneamente? 7) Qual a importância de haver objetos religiosos no estabelecimento?

8) Você conversa sobre religião nos seus momentos de lazer no bar? 9) O bar é o seu lugar de lazer principal? 10) Você sabe o que é um patuá?

Como surgiram dificuldades de realizar um contato mais próximo com outros clientes, tendo em vista a pandemia, o bar ficou fechado por 6 meses, retornei para Juiz de Fora e assumi um cargo importante na Prefeitura de Juiz de Fora. Mas contei com a ajuda de um terceiro para buscar informações junto aos clientes. Sendo assim, questionamos 7 clientes sobre a rotina de lazer dentro do bar. O questionário acima foi respondido de forma escrita, porém as respostas foram bem diferentes dos relatos que pude acompanhar nos dias em que estive presente no estabelecimento em 2017/2018 e não consegui, naquele momento, entender o porquê não expressaram no papel as experiências que haviam verbalizado.

A resposta apesar de dolorosa é simples, as perguntas foram mal formuladas, então respostas fechadas bastavam para que os entrevistados cumprissem a tarefa de responder de forma rápida e evasiva. Por exemplo, o cliente fiel 3 informou que pertence à religião católica, porém havia me descrito uma experiência de sessões espíritas que ele frequentava, ou seja, esse mesmo cliente que deu relatos de que frequentava sessões onde um senhor incorporava uma entidade para aconselhar, respondeu que é católico e que nunca frequentou outras religiões.

As respostas escritas me deixaram frustrada, pois os clientes que participavam de ritos, sessões espíritas, tomavam passe, participavam de uma gira, praticavam atos de superstição de matriz africana e consideram que a estátua de Ganesha é uma proteção do local de lazer deles, não revelaram isso nas respostas; pareciam não entender que essas práticas não os fazia pertencer concomitantemente várias religiões. O que me deixava mais intrigada era como não percebiam esse atravessamento entre as religiões. Seria desinformação? Ou será que, assim como no bar onde jogavam e apostavam, mesmo que as religiões cristãs proibissem essas práticas, eles as anulavam como uma questão cultural e do senso comum, considerando-as como pecados menores ou pecados para o bem maior?

Quero deixar explícito que os critérios utilizados para definir quem eu entrevistaria foram: Clientes habituais, várias faixas etárias, disponibilidade do cliente que estava presente, personagens que compõe a rotina do bar, as figurinhas “marcadas”, os “mais chegados”.

3 A “MALOCA” – onde tudo começou

Em janeiro de 1988 o dono da “Maloca” ganhou um engradado de cervejas do seu pai para que ele começasse seu negócio. Naquela época quem bancava o jogo de bicho era seu pai e três outros “senhores” da cidade de Santos Dumont, senhores conhecidos da população. Meu avô era o quarto “banqueiro” do jogo de bicho.

Com o passar dos anos o bar foi crescendo com a clientela fiel num ambiente que respeitava todo tipo de fé, meu avô acreditava que o mundo seria um lugar cada vez melhor se as pessoas respeitassem umas às outras independente de sua crença, ele dizia que as pessoas precisavam ler para entender o outro e não se prender à uma única ideia.

O pai do dono da Maloca criava jogos e bolões diferentes para entreter os clientes, fidelizá-los e assim lucrar com diferentes tipos de apostas, para isso existia uma regra que o meu avô nunca quebrou e meu pai ainda segue, ninguém da família poderia jogar, pois mesmo que fossem jogos de sorte, ele considerava um risco quebrar a credibilidade da banca.

Como muitos clientes permaneciam longas horas dentro do bar aguardando resultados do jogo de bicho, a vez de tentar a sorte no caça níquel (quando foi permitido), apostar na sinuca, baralho e bolões, eles acabavam levando objetos pessoais para dar sorte na empreitada pela “grana fácil e rápida” ou pela simples rotina viciosa de ir lá e testar sua sorte ganhando ou não. Claro que haviam clientes desesperados e que acabavam presenteando o bar com objetos religiosos na intenção de benzer o espaço, abençoar o dono ou porque os objetos não deram sorte e não os queriam mais.

No bar encontra-se várias referências à devoção do dono da maloca pelo São Jorge, é a imagem que mais se repete visualmente no bar. Está dentro de um recipiente de vidro, acima da geladeira, na prateleira de bebidas, perdurado na parede como quadro, em forma de cordão, no pescoço do dono, e em vários outros lugares do bar.

Existe um patuá que está no bar desde que eu me entendo por gente e eu lembro de tê-lo visto quando eu tinha uns 8 anos de idade, quando íamos raramente aos domingos jogar sinuca em família depois que o meu pai fechava o bar. A Figura 1 apresenta um patuá no teto do estabelecimento que o cliente aprecia todas as vezes que frequenta o ambiente.

Figura 1 – Patuá pendurado no teto do estabelecimento



Fonte: Foto tirada em 2018, autoria própria.

4 A HISTÓRIA POR TRÁS DO PATUÁ

O dono da maloca informou que as folhas secas e as sementes do patuá eram de um tipo de palmeira que um senhor de um terreiro de candomblé havia deixado para proteger o lugar. Ele era de Juiz de Fora foi visitar alguns familiares em Santos Dumont – MG, mas o terreiro que ele frequentava era em Rio Novo – MG.

O pai do dono, por sua vez, pendurou o patuá que está no mesmo lugar há quase 30 anos, o pensamento de ambos era: Se a pessoa trouxe de boa-fé que ela esteja aqui para nos proteger e abençoar. Eles nunca recusaram qualquer objeto. A Figura 2 apresenta uma das inúmeras imagens de São Jorge que estão no estabelecimento e fica fácil evidenciar a devoção do dono da maloca pelo Santo.

A Figura 3 já apresenta o São Jorge e o prato de oferenda em um novo local, após a reformado estabelecimento o dono da maloca realizou uma faxina nos objetos religiosos para que ficassem com a aparência mais adequada para o que representavam.

Figura 2 - São Jorge e o prato de oferenda



Fonte: Foto tirada em 2018, autoria própria.

Figura 3 - São Jorge e o prato de oferenda em um novo local



Fonte: Foto tirada em 2023, autoria própria.

O dono do bar não se recorda quem levou a imagem para o bar, pois como devoto de São Jorge existem várias imagens do santo espalhadas pelo ambiente em proporções menores, em forma de calendário, santinho ou até mesmo no cordão, como pingente.

O pai do dono também se declarava católico e pode ter levado a imagem, porém não conseguimos a confirmação de como esta imagem que se encontra ao lado de um prato de oferenda está desta forma por algumas décadas.

O prato de oferenda se encontra lá, desde o aparecimento do patuá, mas a história contada é que neste prato de vidro eram queimadas várias coisas desde ervas, colheres de comida, incensos e etc. no dia da foto basicamente só haviam cinzas.

A Figura 4 a seguir demonstrará o quão interessante é o ambiente da “*Maloca dos ratos*”. Pois com ela as paredes do estabelecimento, qualquer vão e até o suporte da prateleira vira moldura para a exposição dos santinhos, sua distribuição foi tradição por muitos anos até à época da pandemia.

Figura 4 – Anjo da guarda e Santo Expedito, calendário de bolso de santinhos



Fonte: Foto tirada em 2018, autoria própria.

6 OS SANTINHOS

Todos os anos o dono da Maloca realiza a confecção de calendários de bolso para distribuir para os seus clientes, hoje em dia ele encomenda da gráfica somente os calendários de porta, mas era comum antes da pandemia a distribuição, em forma de brinde, os calendários de bolso, as pessoas guardavam em suas carteiras com muito carinho.

Tinham dispostos debaixo do balcão no bar o calendário de Santo Expedito e do anjo da guarda, haviam outros que eram de paisagem, pois alguns clientes eram protestantes, não acreditavam em santo ou simplesmente gostavam mais de outra gravura.

Atrás dos santinhos, acompanhando o calendário de bolso, eram impressos versículos bíblicos, orações curtas como a oração do anjo da guarda, mensagens de fé, era “à gosto do freguês”³. A Figura 5 irá apresentar a história mais intrigante do bar.

³ A expressão “à gosto do freguês” é comumente usada em contextos de atendimento ao cliente, comércio ou serviços, indicando que a decisão ou escolha final cabe ao cliente.

Figura 5 - Deus Hindu - Ganesha



Fonte: Foto tira em 2018 (esquerda) e 2023 (direita), autoria própria.

7 GANESHA E O CLIENTE MISTERIOSO

O aparecimento desta miniestátua de Ganesha é uma das histórias místicas mais interessantes que ouvi do dono da maloca. Ele descreve o episódio como “impressionante”, pois ocorreu enquanto, ocasionalmente, um freguês apareceu para tomar um conhaque no bar. Ele relata: *“um freguês que eu nunca tinha visto no bar apareceu pra tomar um conhaque, pediu um conhaque, pagou o conhaque e tava com aquele Deus na mão e pediu para que eu guardasse pra ele. Eu falei: não, não vou guardar isso aqui não; a princípio guardei e coloquei num canto no chão no bar e guardei aquilo ali pro rapaz que eu nunca tinha visto e que nunca mais voltei a vê-lo. Impressionante! Deixou lá aquele, aquela estatuazinha do Ganesha, coisa que eu nunca tinha visto antes, entende? E nunca mais apareceu (o cliente) ...”*

Após esperar pelo retorno do cliente, que nunca mais apareceu, o dono da maloca que precisava limpar o bar frequentemente separou um cantinho nas prateleiras de bebidas junto com outra imagem de São Jorge para que o Deus hindu saísse do chão e relata: *“Eu deixo lá na minha estante no bar, guardado lá, de forma carinhosa né? Porque não vou dispensar uma que ficou coincidentemente dentro do meu bar, que alguém trouxe no acaso ...”* E esta é mais uma das histórias que somam a várias outras contadas pelo dono da maloca. Atualmente o Deus Hindu divide a prateleira com São Jorge, e A Figura 6 ilustra, mais uma vez, o sincretismo e o hibridismo proporcionado pelo ambiente do bar.

Todas as histórias se entrelaçam à medida em que o dono da maloca conta suas histórias e, com isso, conta a história dos clientes e vida que pulsa no bar. A Figura 7 e última que ilustrará, mais uma vez, o lugar curioso que é a maloca dos ratos. A imagem de São Jorge em um “aquário” é mais uma das relíquias religiosas que fica exposta no ambiente. Levando proteção e abençoando todos os clientes fiéis, seja para que tenham um bom resultado no jogo, seja para receber aquele “gole pro santo”⁴.

⁴ A expressão “gole pro santo” é uma expressão popular brasileira que significa fazer uma pequena quantidade de uma bebida alcoólica como oferta ou brinde para um santo de devoção.

Figura 6 - Prateleira de bebidas com Ganesh e São Jorge



Fonte: Foto tirada em 2023, autoria própria.

Figura 7 - São Jorge num recipiente de vidro



Fonte: Foto tirada em 2018, autoria própria.

8 O DIÁLOGO DOS CLIENTES FIÉIS E O "GOLE PRO SANTO"

Em um dos finais de semana que estive no bar, com o movimento mais animado, tive a oportunidade de presenciar os quatro clientes fiéis mais assíduos do estabelecimento em algumas trocas, o cliente fiel nº 1 se juntou ao dono da maloca no balcão e pediu um canudo de doce de leite e quando foi comer o canudo caiu no chão, o cliente então questionou: "O olho gordo é seu ou do santo?" e deu uma risada engasgada. Depois pediu outro canudo e começou a conversar com outros fregueses. O intrigante nesta situação é que ele evoca o santo como parte da interação, sem pensar que será punido pela "peripécia" com o santo. O assunto da vez para o cliente nº 2 era jogo de bicho, tema que sempre trazia histórias interessantes à tona, pois os clientes jogavam no bicho que sonhavam na noite anterior ou porque algum parente sonhava. Jogavam pelo número da placa. Jogavam acompanhando o número do versículo que ouviram na rádio. No final tinham motivos e desculpas à vontade para

fazer a sua aposta. Enquanto um dos clientes contava suas superstições para as apostas, outro dava seus "pitacos" e falava sobre a relação entre o jogo e a fé. Muitos clientes chegavam falando: Hoje vou fazer minha "fézinha", fazendo menção ao jogo que iriam apostar no dia.

No final da tarde do sábado o cliente nº 3 detalhou a história que eu não detalhei na página 8 sobre as sessões espíritas, foi em um momento provocado pelo ajudante nº 1 que respondendo à um cliente que reclamou que a máquina da *Keno* era "alterada" o ajudante disse a seguinte frase: "O jogo é de sorte não de milagre". Pronto, bastou para toda a conversa mudar para religião. E uma dessas histórias contadas foi a do cliente nº 3 que frequentava umas sessões "estranhas", o cliente fiel 3 descreveu uma experiência com o "Seu João" que era um médium que realizava sessões espíritas a quem o procurasse na primeira sexta-feira do mês, as sessões continham rituais de "passe", reza, conforto e aconselhamento.

No relato ele expôs que o Sr. Paulo, professor, incorporava o "Seu João" em um quartinho que ficava no quintal de sua casa, no bairro Nossa Senhora Aparecida, em Juiz de Fora e lá as pessoas faziam fila para serem atendidas. Uma a uma as pessoas eram atendidas e a sessão era finalizada, muitas vezes, altas horas da noite. Certo dia o cliente estava angustiado, pois tinha uma loja de empadas que ia bem, porém como a área em que ele atuava não estava de acordo com a sua formação e manter um negócio demandava dedicação de segunda a segunda ele precisava retornar ao mercado de trabalho como enfermeiro.

O cliente então aguardou a próxima sessão e expôs tudo o que estava sentindo e o que precisava para retornar ao mercado de trabalho vender a casa de empadas para conseguir se atualizar profissionalmente e voltar à área da saúde, isso aconteceu em meados de 2019, em todas as sessões que pôde o cliente pedia orientação e clareza, pois estava ficando desanimado e não conseguia vender a casa de empada, na última consulta de 2019 que ocorreu em Novembro, retornando as sessões apenas em Fevereiro 2020 a resposta do "Seu João" foi: "Não desanime, pois a venda está próxima e acontecerá em um momento em que você e o mundo todo passará por mudanças". E como o ditado popular diz: "Dito e feito"⁵. Na primeira quinzena do mês de março de 2020 o cliente recebeu uma proposta e conseguiu vender a empada, sendo que 3 dias depois veio a notícia da pandemia e as infecções virais no Brasil e em maio, praticamente um mês depois, a determinação de "lock down" no estado de Minas Gerais. O detalhe é que o cliente nº 3 era católico, mas encontrou nessas reuniões uma forma diferente de buscar conselhos espirituais. Os outros clientes ficaram surpresos e curiosos.

Após o encerramento da venda de bebidas no bar, que ocorre por volta das 23:00, o dono da maloca sempre fica com o bar fechado para as apostas de baralho. Ele compartilhou comigo um diálogo que teve com o cliente nº 4 numa noite de jogo de baralho, "num gole da cerveja que o amigo tomava, ele soltou a frase: Ah, e quando eu tô na jogatina, sempre dou um brinde pro santo, sabe? Faço isso e peço aquela ajudinha divina nas cartas!" Os outros riram e alguns confessaram que também faziam suas superstições, tomando uma birita em homenagem ao santo antes de arriscar a sorte.

A conclusão é que as conversas calorosas do bar revelaram como o hibridismo cultural se manifesta de forma peculiar. As crenças populares entrelaçam-se com os jogos de azar, criando uma mistura única de tradições religiosas e superstições do jogo de bicho. Os amigos, mesmo com suas experiências individuais e visões distintas, encontraram pontos em comum, reconhecendo que a fé e a diversão podem coexistir harmoniosamente. O ambiente do bar, com suas histórias e trocas de ideias, proporcionou um espaço de encontro e compartilhamento cultural, onde a diversidade de perspectivas contribuiu para a formação de identidades híbridas e complexas.

9 SANTOS DUMONT – a terra do pai da aviação

A cidade de Santos Dumont está localizada na região da Zona da Mata de Minas Gerais, a cerca de 200 km da capital Belo Horizonte. Fundada em 1881, a cidade possui uma população de aproximadamente 48.000 habitantes, de acordo com dados do IBGE de 2021. A economia de Santos Dumont é baseada principalmente na agropecuária, destacando-se o cultivo de café, milho, feijão e cana-de-açúcar, além da criação de bovinos e suínos. O setor industrial também possui certa relevância na cidade, com destaque para as indústrias alimentícia e de confecções.

A cidade de Santos Dumont possui uma rica história, sendo batizada em homenagem ao famoso inventor brasileiro Alberto Santos Dumont, que nasceu na cidade em 1873. Ao longo dos anos, a cidade se desenvolveu e ganhou destaque na região, tornando-se um importante polo econômico e cultural. Segundo o censo do IBGE de 2010, a cidade apresentava um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 0,727, considerado

⁵ A expressão "Dito e feito" é usada para descrever uma situação em que algo foi prometido ou planejado e, em seguida, realizado de forma rápida e eficaz, sem contratempos ou hesitações. Indica a concretização imediata de uma ação ou objetivo após ser expresso verbalmente

médio para a região. A taxa de alfabetização era de 93,5%, enquanto a expectativa de vida ao nascer era de 75,8 anos.

Em termos de educação, a cidade conta com uma rede municipal de ensino composta por escolas de ensino fundamental e médio. Além disso, há também algumas instituições privadas de ensino na cidade. Já na área da saúde, a cidade possui um hospital municipal e algumas unidades básicas de saúde, que atendem a população local.

A cidade de Santos Dumont, localizada na Zona da Mata de Minas Gerais, possui uma rica história religiosa. A colonização da região teve início no século XVIII, com a chegada de bandeirantes em busca de ouro e pedras preciosas. A presença religiosa na região se deu principalmente por meio da Igreja Católica, que teve grande influência na formação cultural da cidade.

Segundo o IBGE, a maioria da população de Santos Dumont se declara católica, representando cerca de 68% da população em 2020. A cidade possui diversas igrejas católicas, como a Igreja de Nossa Senhora das Dores, a mais antiga da cidade, construída em 1872. Outras igrejas importantes são a Igreja de São Sebastião, construída em 1894, e a Igreja de Nossa Senhora Aparecida, construída em 1946.

Além da Igreja Católica, outras religiões também estão presentes na cidade, como a Igreja Presbiteriana do Brasil, a Igreja do Evangelho Quadrangular e a Igreja Adventista do Sétimo Dia. A presença dessas denominações religiosas mais recentes reflete uma tendência nacional de diversidade religiosa.

A religiosidade em Santos Dumont também se expressa por meio de festas e celebrações religiosas. A mais importante delas é a Festa de Nossa Senhora das Dores, padroeira da cidade, que acontece todos os anos em setembro. A festa é marcada por missas, procissões e shows musicais. Outra festa importante é a Festa de São Sebastião, que acontece em janeiro e reúne a população em celebrações religiosas e festas populares.

Em suma, a história religiosa de Santos Dumont é marcada pela influência da Igreja Católica, que teve papel fundamental na formação cultural da cidade. Além disso, a diversidade religiosa é uma característica recente, mas que já se faz presente na cidade. As festas e celebrações religiosas são momentos de grande importância para a população, refletindo a religiosidade presente na cidade⁶.

Diante disto a pergunta que eu posso tentar responder é: Por que muitas pessoas se dizem cristãs, mas seguem práticas de outras religiões também? A resposta é que existem diversas razões pelas quais muitas pessoas se consideram cristãs, mas seguem outras religiões também. Algumas dessas razões podem incluir:

1. Família e tradição: Muitas pessoas são criadas em famílias que praticam uma determinada religião e, portanto, se identificam com essa religião. No entanto, eles atravessados por outras religiões e práticas ao longo da vida, como podemos perceber na rotina do bar, criaram outros hábitos, compartilham um ambiente híbrido, mas ainda mantêm se identificam religiosamente como católicos ou evangélicos.
2. Busca por espiritualidade: Algumas pessoas sentem que sua religião atual não oferece as respostas ou a conexão espiritual que eles estão procurando, como a história do cliente nº 3. Como resultado, eles podem explorar outras religiões ou superstições em busca de uma experiência ou resposta mais significativa para suas angústias.
3. Influência cultural: Em algumas culturas, é comum seguir várias religiões ou filosofias ao mesmo tempo. Por exemplo, em algumas partes da Ásia, é comum que as pessoas sigam o Budismo e o Taoísmo juntos. Nessas culturas, as pessoas podem não ver um conflito entre seguir várias crenças religiosas.
4. Combinação de crenças: Algumas pessoas podem acreditar em elementos de várias religiões ou filosofias e achar que essas crenças complementam umas às outras. Por exemplo, uma pessoa pode ser cristã e acreditar em reencarnação, que é uma crença comum em algumas tradições orientais, como os clientes fiéis que tem suas superstições para os jogos, estando sob efeito do álcool ou não, mas relacionam, mesmo que inconscientemente, práticas de outras crenças para ganharem vantagens no jogo. Usar uma figa, pensar na proteção do patuá, dar o “gole pro santo” e pedir a proteção de Ganesha é uma pequena amostra das práticas sincréticas que são inevitáveis no bar.
5. Falta de identificação com uma única religião: Algumas pessoas podem não se identificar completamente com uma única religião ou filosofia. Eles podem encontrar valor em várias tradições religiosas, acreditar em tudo o que é para o bem, por exemplo, ou acreditar que não precisam seguir um conjunto específico de crenças para ter uma conexão espiritual significativa.

É importante lembrar que a religião é uma escolha pessoal e que cada indivíduo tem suas próprias razões para seguir uma determinada tradição religiosa ou combinar várias crenças.

⁶ Referências: IBGE (2020). Censo Demográfico 2020.

10 ANÁLISE TEÓRICA

A relação entre a religião e o lazer é um tema complexo e multifacetado. Enquanto as doutrinas religiosas geralmente pregam a moderação e a sobriedade, muitos fiéis encontram prazer em atividades consideradas pecaminosas. Nesse sentido, a mesa de bar e o jogo são frequentemente considerados territórios neutros, onde as regras da religião não se aplicam.

Para alguns autores, essa dualidade pode ser explicada pela dicotomia entre o sagrado e o profano. Segundo o sociólogo francês Émile Durkheim, a religião é uma instituição que busca separar o mundo profano do sagrado. No entanto, essa separação não é absoluta, e as fronteiras entre o sagrado e o profano são permeáveis. Assim, a mesa de bar e o jogo podem ser considerados como espaços profanos que coexistem com o mundo sagrado da religião.

Outros autores argumentam, de maneira semelhante a Durkheim, que a relação entre a religião e o lazer é mais complexa do que a dicotomia sagrado/profano, o sagrado e o profano não fazem referência do que é bom ou ruim. O sagrado é especial e o profano é o que é comum. Para o sociólogo americano Robert Wuthnow (1998), a religião e o lazer podem ser entendidos como duas esferas da vida que se complementam. Ele argumenta que a religião oferece estruturas simbólicas que dão significado à vida, enquanto o lazer oferece um espaço de descontração e renovação. Assim, a mesa de bar e o jogo podem ser vistos como formas de lazer que coexistem com a religião.

Outro autor que aborda a relação entre a religião e o lazer no Brasil é o antropólogo Roberto DaMatta. Em seu livro *"Relativizando: Uma Introdução à Antropologia Social"* (1997), ele argumenta que a cultura brasileira é marcada por uma tensão entre a moralidade e a transgressão. Segundo DaMatta, a religião é uma das principais formas de expressão da moralidade, enquanto o lazer é uma forma de transgressão. Nesse sentido, a mesa de bar e o jogo são espaços de transgressão que coexistem com a moralidade religiosa.

O antropólogo Clifford Geertz, em *"A Interpretação das Culturas"* (1989), argumenta que o jogo pode ter um papel importante na vida social, criando laços e relações entre as pessoas. Ele descreve o jogo de cartas como uma atividade que pode ser utilizada para construir laços entre as pessoas, mesmo em contextos onde a religião é dominante.

Em *"A Sociologia do Lazer"* (1998), o autor Jean-Claude Kaufmann argumenta que o lazer é um elemento fundamental da vida moderna, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e a formação de laços sociais. Ele descreve que o lazer pode ser utilizado como uma forma de resistência às normas sociais dominantes, como a religião.

Em *"The Power of the Between: An Anthropological Odyssey"* (2008) de Paul Stoller é uma obra antropológica renomada que explora o conceito de sincretismo e sua importância na compreensão das dinâmicas culturais e religiosas em diferentes sociedades. Stoller, um experiente antropólogo, oferece perspectivas esclarecedoras por meio de suas experiências de trabalho de campo e observações etnográficas.

No livro, Stoller explora o conceito de "o entre" como um espaço onde diferentes elementos culturais e práticas se intersectam e interagem. Ele enfatiza que o sincretismo, como fenômeno, emerge desses espaços intersticiais, onde culturas, crenças e práticas se misturam e influenciam umas às outras. Stoller argumenta que esses processos sincretistas não são meramente superficiais ou comprometidos, mas sim integrais à estrutura das sociedades.

Através de narrativas vívidas e estudos de caso, Stoller examina o sincretismo em diversos contextos culturais, incluindo sociedades africanas e a diáspora africana. Ele destaca as maneiras pelas quais o sincretismo molda identidades sociais e religiosas, desafiando noções convencionais de pureza e autenticidade nas práticas religiosas e culturais. Stoller explora o potencial transformador do sincretismo, pois permite a negociação e adaptação de crenças e práticas em resposta a dinâmicas sociais, políticas e culturais em constante mudança.

"O Poder do Entre" oferece uma compreensão sutil do sincretismo, indo além de categorizações simplistas ou avaliações moralizantes. Stoller enfatiza a importância de reconhecer e apreciar a complexa interação de elementos culturais, demonstrando como o sincretismo pode ser uma força criativa e dinâmica na formação de expressões culturais e religiosas.

Ao utilizar suas extensas experiências de trabalho de campo e adotar perspectivas antropológicas, Stoller apresenta uma exploração convincente do papel do sincretismo na compreensão das dinâmicas culturais e religiosas em diferentes sociedades. "O Poder do Entre" contribui para o campo mais amplo da antropologia,

oferecendo insights inovadores sobre a complexidade e fluidez das interações culturais e sobre como o sincretismo funciona como um processo transformador e adaptativo.

Portanto, é possível concluir que, apesar da condenação dos vícios em muitas doutrinas religiosas, a sociedade cria seus próprios espaços de sociabilidade, muitas vezes encontrando nesses espaços a possibilidade de estabelecer laços sociais e resistir às proibições religiosas.

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, a relação entre crenças religiosas, práticas culturais e senso comum é um campo complexo e dinâmico, que reflete a diversidade e a riqueza da sociedade. Nesse sentido, o ambiente neutro do bar se destaca como um espaço propício para a análise e a discussão desse tema rico e delicado. Ao reunir pessoas de diferentes origens religiosas e culturais, o bar oferece um terreno fértil para o intercâmbio de ideias, experiências e perspectivas, estimulando um colóquio construtivo e enriquecedor.

Em primeiro lugar, o ambiente descontraído e informal do bar proporciona uma atmosfera propícia para a troca de conhecimentos e vivências. As barreiras e estereótipos que podem existir entre diferentes crenças e práticas culturais são amenizados, permitindo que as pessoas se aproximem e compartilhem suas perspectivas de maneira mais aberta e inclusiva. Essa interação entre diferentes pontos de vista pode resultar em uma maior compreensão e aceitação mútua. O espaço restrito do bar parece conseguir mais pluralidade e tolerância que a sociedade em torno dele.

Além disso, o senso comum no ambiente do bar é moldado pela diversidade das pessoas presentes. Experiências individuais, crenças religiosas e práticas culturais se entrelaçam, enriquecendo o entendimento coletivo. Esse ambiente de pluralidade proporciona uma oportunidade única para a reflexão crítica sobre as próprias crenças e tradições, bem como para a descoberta de novas perspectivas e abordagens. O bar se torna, assim, um espaço de aprendizado, no qual as fronteiras entre as crenças e práticas se diluem, permitindo uma compreensão mais holística do mundo.

Em suma, o ambiente neutro do bar desempenha um papel significativo na análise da relação entre crenças religiosas, práticas culturais e senso comum, uma vez que a bebida pode ajudar e facilitar a abertura para diálogos, brincadeiras e interações com os objetos do bar, permitindo que os clientes ajam de forma mais leve e informal. Essa descontração do espírito, promovida pela bebida, pode contribuir para uma maior compreensão e aceitação das diferenças religiosas, criando um ambiente de convivência harmonioso. A “*Maloca dos ratos*” é, sem dúvidas, um ambiente peculiar. No entanto, a descontração proporcionada pela bebida no contexto do bar não deve ser encarada como um estímulo ao consumo excessivo, mas sim como um facilitador para interações amigáveis e respeitadas entre as pessoas de diferentes crenças religiosas.

REFERÊNCIAS

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREUD, S. **O Futuro de uma Ilusão**. [The Future of an Illusion]. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

IBGE. Cidades. Santos Dumont. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/santos-dumont/panorama>. Acesso em: 25 abr. 2023.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A Sociologia do Lazer**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998.

STOLLER, Paul. **The Power of the Between: An Anthropological Odyssey**. Chicago: University of Chicago Press, 2008.

WUTHNOW, Robert. **After Heaven: Spirituality in America since the 1950s**. Berkeley: University of California Press, 1998.